

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**LEIDIANE PRATA DE SOUZA**

**A GEOGRAFIA NA SALA DE AULA: DIFICULDADES E POSSIBILIDADES NO  
PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL  
NA ESCOLA MUNICIPAL LUZ DO SABER EM PARINTINS.**

**PARINTINS/AM**

**2021**

**LEIDIANE PRATA DE SOUZA**

**A GEOGRAFIA NA SALA DE AULA: DIFICULDADES E POSSIBILIDADES NO  
PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM NO 5º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL LUZ DO SABER EM PARINTINS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Estudos de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas (CESP / UEA), como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Profª João Bosco dos Santos Brasil

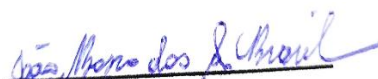
**PARINTINS/AM**

**2021**

**A GEOGRAFIA NA SALA DE AULA: DIFICULDADES E POSSIBILIDADES NO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL LUZ DO SABER EM PARINTINS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas.

Parintins, 23 de julho de 2021.



---

**Profº. Msc. João Bosco dos Santos Brasil**

Universidade do Estado do Amazonas



---

**Profº. Msc. Valdilene Siqueira de Souza**

Universidade do Estado do Amazonas



---

**Profº. Msc. Virgílio Bandeira do Nascimento filho**

Universidade do Estado do Amazonas

**PARINTINS/AM**

**2021**

## **DEDICATÓRIA**

*À minha família, por acreditar que eu seria capaz de vencer. Mãe, seu amor incondicional, compreensão e a sua dedicação foi o que me deram forças para seguir. Pai, suas palavras de apoio me deram a certeza que não estou sozinha.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado força em todos os momentos difíceis, por não ter deixado desistir e por me proporcionar tantas bênção em minha vida para que eu pudesse conquistar meus objetivos, por me ajudar a vencer os obstáculos durante esses quatro anos. Foram quatro anos de luta, dificuldades enfrentadas, mais também foram anos de muita aprendizagem que levarei para o resto de minha vida.

Agradeço imensamente aos meus pais, Leonardo Rodrigues de Souza e Juracy da Silva Prata, que são meus alicerces, agradeço por todo apoio, pelas palavras de incentivo pela compreensão, por sempre estarem presente e me ajudando em todos os momentos, por acreditarem que eu seria capaz de vencer os obstáculos da vida, agradeço pelo amor e apoio incondicional. Aos meus amados irmãos Lenira, Leandro, Diego e Leonize, pela força, apoio e por sempre estarem ao meu lado.

Agradeço a todos os professores que contribuíram com a minha trajetória acadêmica. Especialmente ao meu orientador João Bosco ao qual eu exponho minha gratidão eterna por compartilhar sua sabedoria, seu tempo e por não ter desistido de mim, pela paciência para comigo, por acredita que eu seria capaz. Agradeço as colegas, aos quais criei um laço de amizade, por terem me ajudado direta e indiretamente. Em especial a minha colega Jackeline Pires que criei um laço de amizade muito forte. Que acabamos nos tornando comadres.

Não poderia deixar de agradecer a minha prima Irismar e minha tia Judite que me acolheram em suas casas e vieram contribuir para que o meu objetivo fosse alcançado.

Agradeço a todos que me ajudaram nesse processo acadêmico, aqueles que fizeram parte de meus estudos, das minhas pesquisas, dos meus sofrimentos e de minhas vitórias.

Agradeço imensamente a Escola Municipal “Luz do Saber” a qual me oportunizou realizar minha pesquisa e por vivenciar momentos únicos de aprendizagem.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram com a construção deste trabalho.

Obrigado a todos!

“O segredo de um professor que faz a diferença está em perceber o brilho nos olhos de seus alunos cada vez que estes crescem na compreensão das complexidades que se apresentam”.

**CASTROGIOVANNI, 2014**

## RESUMO

O Ensino de Geografia desempenha importante função na formação de alunos conscientes de suas responsabilidades em buscar sempre a construção de uma sociedade mais humana e justa. No trabalho em questão, buscamos refletir sobre A Geografia na sala de aula: dificuldades e possibilidades no processo ensino e aprendizagem no 5º ano do ensino fundamental na Escola Municipal Luz do Saber, Parintins-AM. Como objetivo geral, buscamos analisar como o ensino da Geografia vem sendo trabalhado nos 5º ano do ensino fundamental e quais os problemas que dificultam o processo ensino e aprendizagem na Escola Municipal Luz do Saber e como objetivos específicos buscamos identificar as principais dificuldades que os professores enfrentam no processo ensino e aprendizagem em geografia nos 5º ano; Observar os recursos utilizados pelos professores de geografia nos 5º ano; Quais as contribuições do livro didático no processo ensino e aprendizagem em geografia no 5ºano. Essa pesquisa é de caráter qualitativa, baseada na abordagem fenomenológica e pesquisa bibliográfica. Utilizamos a observação participante e entrevistas envolvendo professores e observações junto com alunos do Ensino Fundamental II da escola. Como leitura para a compreensão e discussão sobre a realidade do ensino da Geografia, sua história e desenvolvimento científico, buscamos suporte teórico nos autores: Pontuschka, 2007; Castrogiovanni, 2014, 2011; Cavalcanti, 2002; Castellar, 2014. Após a aplicação da entrevista e a observação participante, os resultados comprovaram que apesar da escola possui uma boa estrutura física, carece de equipe pedagógica para acompanhar e orientar os professores no planejamento e organização de suas atividades de sala de aula, especialmente no ensino de geografia.

**Palavras – chaves:** Geografia, ensino; aprendizagem.

## **ABSTRACT**

The Teaching of Geography plays an important role in training students aware of their responsibilities in always seeking to build a more humane and just society. In this work, we seek to reflect on Geography in the classroom: difficulties and possibilities in the teaching and learning process in the 5th year of elementary school at Escola Municipal Luz do Saber, Parintins-AM. As a general objective, we seek to analyze how the teaching of Geography has been worked in the 5th year of elementary school and what are the problems that hinder the teaching and learning process at Luz do Saber Municipal School and as specific objectives we seek to identify the main difficulties that teachers face. face in the teaching and learning process in geography in the 5th year; Observe the resources used by geography teachers in the 5th year; What are the contributions of the textbook in the teaching and learning process in geography in the 5th year. This research is qualitative in nature, based on the phenomenological approach and bibliographical research. We used participant observation and interviews involving teachers and observations together with Elementary School II students at the school. As a reading for understanding and discussing the reality of teaching Geography, its history and scientific development, we sought theoretical support in the authors: Pontuschka, 2007; Castrogiovanni, 2014, 2011; Cavalcanti, 2002; Castellar, 2014. After applying the interview and participant observation, the results showed that although the school has a good physical structure, it lacks a pedagogical team to monitor and guide teachers in planning and organizing their classroom activities, especially in teaching geography.

**Key words:** Geography, teaching; learning.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Escola Municipal “Luz do Saber”.....	23
Figura 2 – Vídeo na sala de aula.....	57
Figura 3 – Vídeo na sala de aula.....	57
Figura 4 – Música como recurso didático.....	58
Figura 5 – Desenho em sala de aula.....	60
Figura 6 – Desenho em sala de aula.....	60

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO I: BREVE APRESENTAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL “LUZ DO SABER”, PARINTINS-AM</b> .....	<b>23</b>
1.1 Caminhos metodológico.....	24
<b>CAPÍTULO II: “ENSINO DE GEOGRAFIA: BREVE HISTÓRICO”</b> .....	<b>26</b>
2.1 A formação do professor de geografia.....	28
2.2 Professor de geografia e seu planejamento solitário.....	33
<b>CAPÍTULO III: “A GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL “LUZ DO SABER”</b> .....	<b>37</b>
3.1 A geografia na sala de aula: encontros e desencontros.....	39
<b>CAPÍTULO IV: “O LIVRO DIDÁTICO NA SALA DE AULA: CAMINHO ÚNICO?”</b> .....	<b>48</b>
4.1 Repensando o ensino de geografia interessante e prazeroso.....	52
<b>CAPÍTULO V: “PROPONDO UMA NOVA FORMA DE ENSINAR GEOGRAFIA”</b> .....	<b>56</b>
<b>CAPÍTULO VI: “CONSIDERAÇÕES E PROPOSIÇÕES”</b> .....	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>63</b>

## INTRODUÇÃO

O Ensino de Geografia desempenha importante função na formação de alunos conscientes de suas responsabilidades em buscar sempre a construção de uma sociedade mais humana e justa. O ensino de geografia é de grande relevância para a construção sócio cultural do aluno, pois os conhecimentos produzidos pela ciência geográfica contribuem para a compreensão da realidade socioambiental vivenciada pelo mesmo.

O interesse por esta pesquisa surgiu a partir da disciplina “Geografia na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, ministrada pelo Prof.º Msc. João Bosco dos Santos Brasil. Onde, a partir desta disciplina puder ter outra visão do que vem ser realmente a geografia e qual sua importância. Pois, ela tem participação direta na formação do aluno, é através dela que o aluno, ao longo de sua trajetória no ensino básico, consegue desenvolver o seu senso crítico e tornar-se um indivíduo reflexivo, capaz de observar, refletir e interferir na realidade socioambiental vivenciada.

No trabalho em questão, buscamos refletir sobre a Geografia na sala de aula: dificuldades e possibilidades no processo ensino-aprendizagem no 5º ano do ensino fundamental na Escola Municipal “Luz do Saber”, ParintinsAM. Como objetivo geral, buscamos analisar como o ensino da Geografia vem sendo trabalhado nos 5º(s) anos do ensino fundamental e quais os problemas que dificultam o processo ensino e aprendizagem na Escola Municipal “Luz do Saber” e ainda como objetivos específicos identificar as principais dificuldades que os professores enfrentam no processo ensino/aprendizagem em geografia nos 5º(s) anos; Observar os recursos utilizados pelos professores de geografia nos 5º ano; Quais as contribuições do livro didático no processo ensino e aprendizagem em geografia no 5ºano.

Essa pesquisa é de caráter qualitativa, baseada na abordagem fenomenológica e pesquisa bibliográfica. Utilizamos a observação participante e entrevistas envolvendo professores e observações junto com alunos do Ensino Fundamental II da escola. Como leitura para a compreensão e discussão sobre a realidade do ensino da Geografia, sua história e desenvolvimento científico, buscamos suporte teórico nos autores:

Pontuschka, 2007; Castrogiovanni, 2014, 2011; Cavalcanti, 2002; Castellar, 2014. Após a aplicação da entrevista e a observação participante, os resultados comprovaram que apesar da escola possuir uma boa estrutura física, carece de equipe pedagógica para acompanhar e orientar os professores no planejamento e organização de suas atividades de sala de aula, especialmente no ensino de geografia.

Buscamos como proposta de primeiro capítulo uma breve apresentação da escola pesquisada e os caminhos metodológicos percorridos no decorrer da pesquisa. No segundo capítulo um processo de descrição metodológica onde, aborda a Formação do Professor de Geografia e seus percalços até chegar à sua formação.

O terceiro capítulo nos leva a conhecer a geografia nos anos iniciais e suas reflexões sobre os conceitos e processos complexos que vêm contribuir para a formação cidadã dos alunos e a conexão da sala de aula ao mundo. Onde professor desempenham funções elementares como facilitador do processo ensino e aprendizagem, proporcionando aos alunos instrumentos significativos dentro da sala de aula. Iremos perceber que a geografia tem funções imprescindíveis dentro e fora da sala de aula.

O nosso quarto capítulo vem falar sobre o percurso metodológico do livro didático e suas funções na sala de aula que por muitas das vezes vêm sendo entendido como caminho único para o auxílio em sala de aula. E para concluirmos com o quinto capítulo trouxemos uma nova prática de ensinar geografia, buscando trabalhar com recursos tecnológicos e diversificados que estão presentes nos seu dia a dia para, então, atrair novos olhares dos alunos.

Assim, esta pesquisa visa contribuir para uma melhora na qualidade e no desenvolvimento das aulas de Geografia. A partir da detecção do problema, os professores podem proporcionar aos alunos melhorias no ensino, como despertar o desejo da descoberta dos seus temas de estudo e a busca pela ampliação da sua visão crítica da sociedade, pois os temas geográficos estão presentes no dia a dia de todos, fazendo parte da vida de cada cidadão. Assim, também como levar à reflexão sobre o problema em questão, mais também para buscar soluções que visibilizem o ensino de Geografia. Onde a maioria

dos alunos possui uma aversão à Geografia, tendo-a como apenas mais uma disciplina de sua grade horária.

## **1. BREVE APRESENTAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL “LUZ DO SABER”, PARINTINS-AM.**

Nesse contexto, buscamos desenvolver a pesquisa na Escola Municipal “Luz do Saber”.



**Figura 01:** Escola Municipal Luz do Saber.  
**Fonte:** Almeida (2018).

A escola foi inaugurada em 25 de Abril de 2002, na Rua Padre Francisco Luppino, 4197, Bairro de Ituana II. Regulamentada pelo Decreto Municipal Nº 021/2003 PGMP, inscrita no INEP/MEC (Ministério da Educação) sob o nº 13083473 e sua APMC (Associação de Pais, Mestres e Comunitários) CNPJ 06.293.063/0001-60. É localizada em uma Área reconhecida pela história de invasão e pela sua numerosa população como zona periférica da cidade de onde advém toda a clientela que compõe o corpo discente desta escola, filhos de pais com baixa renda, dentre eles destacam-se: tricicleiros, carroceiros, pescadores, pedreiros, carpinteiros e vendedores ambulantes.

Sua implantação se deu por iniciativa de um grupo de professores, pais e comunitários que sentiram a necessidade de sua construção em decorrência de uma demanda muito grande de alunos fora do ambiente escolar por falta de vagas para as séries iniciais. Essa iniciativa contou com o apoio do gestor municipal Enéas de Jesus Gonçalves Sobrinho que comovido pela referida

situação se propôs a dar início na construção tendo como colaboradores os pais dos alunos e a comunidade em geral.

Atualmente a Escola está sendo gerenciada pelo Professor Railton Marques de Almeida, que assumiu em janeiro de 2017. A escola possui 83 funcionários, 53 professores, 9 monitores de AEE, 01 apoio pedagógico, 04 técnicos de administração, 03 cozinheiras, 07 auxiliares de serviços gerais, 03 vigias, 01 diretoria, 01 secretaria, 15 sala de aula, 01 sala dos professores, 01 coordenação pedagógica, 01 biblioteca, 01 cozinha, 01 depósito e 08 banheiros. A escola possui 1083 alunos, sendo que 440 alunos no turno matutino de 6° ao 9° ano, 441 alunos do turno vespertino de 1° ao 5° ano e 202 alunos do turno noturno da EJA de 6° ao 9° ano.

Todas as conquistas mencionadas até aqui compõem o cenário da Instituição hoje, e prevê para a sua clientela melhores condições de acesso e permanência com vista para uma educação de qualidade possibilitando o desenvolvimento deles em todos os aspectos necessários para a vida dentro e fora do âmbito escolar.

## **1.1 CAMINHOS METODOLÓGICOS**

Nesta seção inicial, apresentamos o interior da pesquisa a fim de situar o leitor quanto à abordagem, os procedimentos e sujeitos envolvidos, sendo possível deste modo dar ao leitor um panorama geral do que será desenvolvido nas páginas seguintes.

A natureza dessa pesquisa é de cunho qualitativo, que segundo Trivinos (192, p. 120) “É uma ideia fundamental que pode ajudar a ter uma visão mais clara do que pode chegar a realizar um pesquisador que tem por objetivo atingir uma interpretação da realidade do ângulo qualitativo”.

O método de abordagem é a fenomenologia, para Trivinos (1928, p. 43): “A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, torna a definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência”.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica com os principais autores que falam sobre o ensino da Geografia nas séries iniciais de maneira a conhecer

as teorias sobre o tema e que darão suporte à pesquisa, dentre os quais se destacam Antônio Carlos Castrogiovanni, Lana de Souza Cavalcanti, Délcia Enricone, Nidia Nacib Pontuschka entre outros autores que, no decorrer da pesquisa, serão mencionados.

Para Malheiros (2011, p. 81) “A pesquisa bibliográfica é identificar na literatura disponível as contribuições científicas sobre um tema específico. Ela consiste em localizar o que já foi pesquisado em diversas fontes, confrontando seus resultados”.

Os instrumentos de coletas de dados foram utilizados a entrevista e a observação participante. As entrevistas constituem-se em técnicas de coletas de dados, que permite a “investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 178). E a observação participante consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se junta ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste. May, (2001, p. 177) conceitua a observação participante com “O processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo”.

O observador participante enfrenta grandes dificuldades para manter a objetividade, pelo fato de exercer influência no grupo, ser influenciado por antipatias ou simpatias pessoais, e pelo choque do quadro de referência entre observador e observado.

A pesquisa foi realizada no Centro de Ensino Fundamental Escola Municipal “Luz do Saber”, na cidade de Parintins/AM. Os sujeitos principais de nosso estudo, são 2 professores que serão descritos no decorrer desse trabalho. Os sujeitos foram: professor “Marte” que tem a formação em matemática, mais que ministra todas as disciplinas inclusive a de Geografia e a professora “Estrela” quem é formada em pedagogia que também ministra todos a disciplinas incluindo a de Geografia. E alunos, os quais observamos durante um logo tempo dentro da sala de aula.

## 2. ENSINO DE GEOGRAFIA: BREVE HISTÓRICO

A história da geografia começa com a própria história dos povos primitivos que viviam em constantes mobilidades pela superfície do espaço geográfico, em busca de lugares que pudessem oferecer alimentos e abrigo. Esses povos já vivenciavam Geografia, porque foram os primeiros a desvendar e promover as mudanças socioambientais na paisagem. Suas descobertas e conquistas foram representadas graficamente nas paredes das cavernas e deixadas como legado de sua passagem pela superfície terrestre. Historicamente o homem vem promovendo as mudanças na paisagem em detrimento de suas necessidades e de sua família. É o principal responsável pela produção e reprodução do espaço, pois, nos tempos mais remotos os seres humanos andavam em grupo e necessitavam guardar de alguma forma suas informações sobre o espaço que percorriam. Assim, eles armazenavam essas informações nas cavernas através dos desenhos.

A geografia desenvolvida pelos gregos eram feitas desta forma, através dos desenhos e das mudanças socioambientais que faziam na paisagem. E da maneira como eles trabalhavam os aspectos do relevo e do clima, isso foi muito importante para o desenvolvimento da geografia.

Então, a geografia antes de ser uma ciência, foi institucionalizada e passou a ser fonte de conhecimento que foi muito importante para as primeiras civilizações a partir dos modelos de produções distintas. Então, os conhecimentos que foram utilizados pelos gregos já eram de cunho geográfico. Os conhecimentos da geografia surgiram muito antes da ciência geográfica, mas também foi responsável pela evolução das civilizações (Pontuschka, 2007).

O desenvolvimento da Geografia enquanto ciência deu-se a partir da segunda metade do século XIX, com as colaborações dos alemães Friedrich Ratzel, Ritter e Humboldt e dos franceses Eliséé Reclus e Vidal de La Blache, onde as escolas alemãs eram fundamentadas por uma corrente filosófica determinista que defendia a subsistência do homem sobre o meio, onde eles defendiam a ideia de que a natureza determinava ação do homem no espaço. A geografia como uma ciência escolar foi marcada por um processo de

permanência de interpretação dos fenômenos espaciais. Nesse contexto, Pontuschka (2007, p.41) descreve:

Karl Marx, também nessa época, analisava o sistema capitalista em plena expansão e buscava explicações para as relações existentes entre o homem e a natureza, apontando a diminuição da influência do meio natural sobre o homem e demonstrando, até mesmo, preocupação com a ecologia.

Desta forma, o autor vem dizer que Karl Marx tinha o pensamento que o homem transformava a natureza. Porém, no século XIX seu pensamento não teve muita influência para os geógrafos das escolas Francesa e Alemã. Friedrich Ratzel, antropólogo e geógrafo alemão, publicou sua Antropogeografia: fundamentos da aplicação de Geografia à História em 1882. Este livro foi o grande responsável pela propagação das ideias deterministas, as quais tinham grande influência do meio natural sobre o homem.

Com as ideias de Ratzel, a luta pela existência tornou-se a luta pelo espaço vital, o que refletiria na passagem do capitalismo da livre concorrência, onde várias empresas concorriam entre si. As ideias de Karl Marx e Friedrich Ratzel chegaram ao Brasil, trazidas pelos geógrafos franceses, advinda de críticas baseada na escola Vidal de La Blache e seus discípulos. Segundo Pontuschka (2007, p.43):

“A geografia passou a desenvolver-se com o respaldo do Estado Frances, sendo introduzida como disciplina em todas as series do ensino básico na reforma efetivada na Terceira República. Foram criados as cátedras e os institutos de geografia, o que estimulou a formação de geógrafos e de professores da disciplina”.

Entendemos que a geografia passou por um processo de permanência como disciplina, onde gerou a formação de professores de geografia. Nas escolas brasileiras, a geografia foi inserida no século XIX, no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Somente por volta do ano de 1900 que a geografia se consolidou nas escolas de praticamente todo o território brasileiro. Segundo Cavalcanti (1998, p. 18), a introdução da disciplina no referido momento histórico teve como objetivo a formação de cidadãos a partir da difusão da

ideologia do nacionalismo patriótico. Desta forma, a inserção da disciplina de geografia teve como objetivo maior a formação de cidadãos e criar nos estudantes um sentimento de amor à pátria. Além de a geografia contribuir para o expansionismo colonial, contribuiu também para a formação de estudantes.

O ensino da geografia no Brasil na metade do século XIX não existia o currículo superior para formar professores de geografia para atuarem nas escolas primárias e secundárias, o que atualmente vem a ser o Ensino Fundamental e Médio. No final do século XIX e início do século XX, aumentaram os números de escolas normais, voltadas para a formação de professores para atuarem nas escolas primárias.

Em 1926 o engenheiro Everaldo Backheuser e o cientista político Carlos Delgado de Carvalho, fundaram o Curso Livre de Geografia Superior, que se preocupavam com a melhoria do ensino de geografia no país e se empenharam muito para desenvolver novos métodos de ensino e uma formação consistente dos professores.

Neste capítulo, falamos sobre a trajetória da geografia, e sobre seu processo de permanência como disciplina. Desta forma, no segundo capítulo discutiremos como ocorreu o processo da formação do professor de geografia.

## **2.1 A formação do professor de geografia**

A formação de professores tem sido um dos muitos desafios da educação na atualidade. Sabemos que a formação é a base para todo o processo educativo, as percepções e práticas que ela causa aos educadores serão refletidas na educação como uma aprendizagem significativa. A formação do professor de geografia passou por um processo de mudanças, desde a formação tradicional, onde era baseada somente na teoria até a formação crítica que formava professores capazes de proporcionarem uma educação significativa ou o método tradicional de ensinar e aprender.

Assim, como todas as licenciaturas, a formação do professor de Geografia tem um caminho com uma trajetória de várias mudanças. Hoje o professor de geografia sendo o mediador do conhecimento, tem o papel de

levar para sala de aula, métodos diversificados que estejam voltados para a realidade do aluno, para assim desenvolver uma aprendizagem significativa, reflexiva e crítica.

Hoje, a disciplina de geografia não é tão valorizada como deveria, sendo ela uma ciência tão rica, mas vista por muitos como uma disciplina sem importância.

O sistema de formação do professor secundário de Geografia surgiu no Brasil nos anos de 1930, quando houve uma forte expansão da escolarização em todos os níveis. A formação deste profissional, que dura até hoje, caracteriza-se por uma organização curricular que prevê dois tipos de estudos: de um lado as disciplinas técnico-científicas e as disciplinas didático-(psico) pedagógicas, conhecidas como “modelo 3+1”, onde três anos de bacharelado e um ano de formação pedagógica, considerada a licenciatura.

Por muitos anos a formação do professor de geografia no País representou uma posição secundária, o que caracterizou um processo de desvalorização da profissão. Por muitas vezes a prática profissional dos professores expressa-se de forma desordenada pelas técnicas administrativas do sistema de ensino, onde o professor se vê diante de um dilema sobre o que se ensina e o que ensinar.

Os primeiros cursos de formação de professores de Geografia surgiram nos anos de 1930, muito baseada na Geografia Francesa. Os manuais para uso de professores e alunos eram versões ou mesmo originais de franceses (ROCHA, 1996, p. 160). As instituições que sediaram os primeiros cursos foram a Universidade de São Paulo e a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Segundo Rocha (2000, p.1):

Foi através do decreto n 19.851, de 11 de abril de 1931, que o Ministro Francisco Campos renovava o ensino superior brasileiro com a introdução do sistema universitário. Neste decreto, eram criadas as Faculdades de Educação, Ciências e Letras, espaço acadêmico que abrigariam, dentre outros cursos, o de Geografia. As duas primeiras instituições organizadas sob as novas regras, Universidade de São Paulo (1934) e Universidade do Distrito Federal absorvida em 1938 pela Universidade do Brasil (atual UFRJ), fundaram suas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, criando os

primeiros cursos de formação de profissionais para atuar nesta área de conhecimento.

De acordo com o referido decreto, foram criadas as faculdades que abriram portas para a formação de várias ciências, inclusive a formação dos professores de geografia na época, constituindo uma única graduação, ministrados por professores contratados em sua maioria na Europa. Com a criação das Universidades em São Paulo em 1934, foram ministradas as primeiras aulas de geografia no curso de Geografia e História, disciplinas que na época tinham uma única formação em nível de graduação. Somente a partir de 1936, formam-se os primeiros professores licenciados para atuar no ensino secundário, oriundos daquelas novas faculdades.

Segundo Castrogiovanni (2014, p.61):

Em 1946 foi criado o Departamento de Geografia, que teve papel fundamental no desenvolvimento da ciência geográfica no Brasil. A criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1937 e da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) em 1934 e também contribuiu significativamente para o desenvolvimento da geografia brasileira.

Essas instituições e departamentos tiveram um papel fundamental para o desenvolvimento da geografia no Brasil. A principal corrente teórica a se concretizar no Brasil foi a francesa, com influências de Pierre Deffontaines e Pierre Monbeib, que passaram a compor o quadro de professores das instituições de Ensino Superior, desenvolvendo estudos sobre território brasileiro. Segundo Pontuschka (2007. P, 44):

“No Brasil, o ideário produzido pela escola francesa chegou aos bancos escolares por meio dos licenciados, que, de posse do saber científico desenvolvido na universidade e com o auxílio de livros didáticos, escritos por professores universitários, elaboravam suas aulas, produzindo um saber para diferentes níveis de ensino”.

Percebemos que nesta época o livro didático já estava presente na sala de aula contribuindo para o ensino da Geografia. Destacamos que a produção e organização dos livros didáticos eram de responsabilidade dos professores

universitários. Na década de 50 a Geografia Tradicional que procurava compreender o espaço geográfico a partir da relação do homem X natureza, passaram a ser questionadas em várias partes do mundo, inclusive no Brasil. A criação da Universidade de São Paulo, onde simultaneamente foi fundada a Associação dos Geógrafos Brasileiros, teve muita importância para todos que, no Brasil, buscavam conhecimentos geográficos ou aqueles que ensinavam a geografia. Vale ressaltar que antes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP), não existia no Brasil o bacharel e o professor em geografia.

De acordo Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) destacam:

Antes da FFCL/USP, não existia no Brasil o bacharel e o professor licenciado em Geografia. Existiam pessoas que, egressas de diferentes faculdades ou até mesmo das escolas normais, lecionavam essa disciplina, assim como outras. Eram professores de Geografia principalmente, advogados, engenheiros, médicos e seminarista  
(PONTUSCHKA, PAGANELLI E CACETE, 2009, p.45)

De acordo com os autores, a geografia ensinada antes da criação do curso de licenciatura na Universidade de São Paulo (USP), era baseada em livros didáticos escritos por profissionais que não tinham formação na área de geografia. A criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP), veio contribuir para a mudança do professor de Geografia e História, que possibilitou o surgimento de um novo profissional, o bacharel e o licenciado.

Uma maior difusão de cursos de formação de professores de Geografia ocorreu a partir da década de 50 do século XX. Nas universidades públicas e mesmo em instituições de ensino privados, novas turmas ingressavam e qualificavam-se profissionais para atuar com a docência nos diferentes níveis de ensino.

No Brasil, o processo de expansão do ensino superior deu-se pela privatização, com o predomínio de instituições isoladas, que contrariava a Lei da Reforma de Ensino Superior 5.540/68. Para Pontuschka (2007, p.91): “A referida lei instituía que o ensino superior deveria ser organizado sob a forma de universidade”. Onde essas instituições privadas constituíam as faculdades

de Filosofia, Ciências e Letras, que vieram se ajustar nos anos de 60 e início dos anos 70, onde houve uma grande expansão do ensino superior brasileiro, caracterizando a formação de professores para a escola básica.

Segundo Pontuschka (2007, p.91):

“Tal expansão acentuou-se com o estabelecimento do modelo das licenciaturas curtas polivalentes, em todas as áreas, a partir da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases 5.692/71. Durante mais de 30 anos, parcela significativa dos professores de Geografia, sobretudo no Estado de São Paulo, em que o setor privado de ensino superior se tornou hegemônico, foi formada nas instituições privadas em um curso duplamente curto que estabelecia dois anos para a licenciatura polivalente em Estudos Sociais e mais dois anos para a habitação em Geografia”.

Por muito tempo os professores foram formados por instituições privadas de ensino que ofereciam cursos duplamente curtos que estabelecia somente dois anos de licenciaturas provenientes de Estudos Sociais e 2 (dois) anos para a Geografia. A partir desta lei que veio fomentar a ideia do professor como um transmissor do conhecimento, sendo considerado um aplicador de regras do conhecimento científico sem qualquer prática.

Com a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 que veio prever que a formação de professores para todas as etapas da educação básica se concretize, principalmente, em nível superior. Neste mesmo tempo, foram determinados novos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino básico, onde também foram elaboradas as Diretrizes Curriculares Nacionais, para todos os cursos superiores de graduação. De acordo com Pontuschka (2007, p.93): “O processo de elaboração das DCN para os cursos de graduação consolidou o direcionamento da formação para três categorias de carreiras: bacharelado acadêmico, bacharelado profissional e licenciatura”.

Contudo, a formação do professor é tão importante para melhorar o ensino e aprendizagem, que requer muita prática ativa desse educador. Sua formação não significa mudar a prática e sim aperfeiçoar, pois vivemos em uma sociedade democrática, onde se afrontam vários interesses e estratégias. A mudança do sistema educativo terá, necessariamente, um longo percurso. Do mesmo modo, é importante refletir sobre a importância do professor na

construção do projeto político-pedagógico, pois ele representa um tema constante entre gestores, professores e pesquisadores dos diferentes níveis e modalidades na melhoria de ensino.

Considerando o contexto e as especificidades do Ensino Superior, compreender o que vem a ser o Projeto Político-Pedagógico, sua finalidade e sua relação com o currículo dos diferentes cursos é importante para aprofundarmos a questão da qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão, sobretudo pelo fato de essa modalidade de ensino ser responsável pela produção do conhecimento e pela formação inicial de profissionais para as diferentes áreas. Neste sentido, vamos enfatizar a importância e a necessidade do planejamento escolar do professor e o apoio de um coordenador pedagógico em uma instituição.

## **2.2. Professor de geografia e seu planejamento solitário.**

O plano de ensino antecipa o trabalho da prática docente para o semestre ou o ano letivo, que são os instrumentos metodológicos do professor, ou seja, é o suporte para as preparações de suas atividades em sala e a conduzir os alunos a compreenderem as propostas de ensino. O planejamento permite que o professor analise seus objetivos traçados para avaliar suas metodologias de ensino. Ele é o processo contínuo e dinâmico, de reflexão, de acompanhamento. Ou seja, é algo que precisa ser constante na prática docente e dentro do âmbito escolar.

Desta forma, sabemos que o coordenador pedagógico é, sem dúvida, uma figura importante para a construção do planejamento escolar e um instrumento para uma educação de qualidade. Diante dos relatos do professor “Marte” podemos perceber que na escola Municipal “Luz do Saber”, há uma grande carência de um coordenador pedagógico para acompanhar o planejamento e a construção do plano de aula. Reconhecemos, nesse contexto, a importância da equipe pedagógica como peça importante no desenvolvimento didático do quebra-cabeça, sempre buscando construir um ambiente escolar dinâmico e acolhedor para que alunos e professores possam desenvolver suas potencialidades.

Diante o exposto, o professor “Marte” nos revelou que:

*“O sistema ele é imprevisível, por exemplo, aqui nós trabalhamos assim, sem o apoio de um coordenador pedagógico, como você já viu. Aqui só é eu e mais dois colegas que trabalhamos o planejamento e discutimos o que nós vamos trabalhar durante o bimestre, durante a semana digamos assim, ninguém tem aquele espaço reservado realmente para aquele trabalho”.*

Diante da fala do professor, percebemos sua aflição no que diz respeito à carência de um profissional ou equipe pedagógica na escola para acompanhar e auxiliar nos planejamentos das aulas e na construção e desenvolvimento de projetos. Com a carência/ausência de um pedagogo na escola, os professores ficam construindo suas aulas e elaborando seus planejamentos, pois, não há uma organização ou dia exato para que eles possam sentar e elaborar seus planejamentos. Tais planejamentos se desenvolvem de forma rápida, onde o professor se reúne no corredor da escola com os demais professores do 5º ano para juntos produzirem o planejamento bimestral. Quando, na verdade, eles deveriam ter um dia específico para a construção dos planos de aula, juntamente com um apoio pedagógico. Em suas falas o professor “Marte” afirma:

*“A gente deveria tirar um tempo, um dia para planejarmos realmente, mas na verdade não há isso. Nós fazemos o planejamento bimestral aí a gente trabalha rapidinho lá o nosso conteúdo e quando é pra nós fazermos algumas atividades diferentes o nosso planejamento é assim no corredor, uma conversa informal rapidinho”.*

Em suas falas discorre novamente, essa grande carência na participação do coordenador pedagógico nos planejamentos bimestrais. Pois, sabemos que uma das funções específicas do coordenador é a socialização do saber docente, na medida em que a ela cabe estimular e manter a troca de experiências entre os professores, a discussão e a sistematização de práticas pedagógicas no coletivo.

O coordenador pedagógico tem a função de mobilizar os colegas a desenvolverem um trabalho em equipe, pois essa é uma condição ativa para

o avanço do fazer pedagógico em sala de aula para que assim ocorra a elaboração do plano de aula de maneira eficaz. Contudo, os professores devem ter um tempo para planejar e também um tempo para esmiuçar suas ideias, buscando, assim, algo novo para desenvolver novas técnicas de aprendizagem, alinhando-as às novas metodologias. Diante disso o professor “Marte” relata que:

*“A gente sente muita falta assim de um orientador pedagógico aqui pra gente, mas infelizmente não depende da gente nós temos que caminhar nós mesmos a gente reúne aí troca as ideias leva o barco como da pra gente levar, mas assim não é porque não tem um coordenador pedagógico que o nosso trabalho vai sair tudo aleatório. Junta a proposta verifica os materiais trabalha direitinho a sequencia que a secretaria de educação manda pra nós trabalharmos durante o ano tudo certinho, com responsabilidade”.*

Pela fala do professor “Marte”, pode-se observar a sua angústia e a necessidade de um apoio pedagógico. Desta maneira, faz-se visível que a ausência desse suporte para a elaboração dos planejamentos acarreta em planos repentinos produzidos nos corredores da instituição. Porém, os mesmos não permitem que tal ausência afete de alguma forma o desenvolvimento dos trabalhos, buscando planejar de maneira satisfatória suas aulas para que seus alunos obtenham os conhecimentos necessários da referida disciplina. Com relação ao apoio da Secretaria Municipal de Educação (SEMED):

*“Nós não temos coordenador pedagógico a SEMED digamos assim nunca deu um apoio pra gente nessa parte de formação na área de geografia. O que tem muito são formações na área de língua portuguesa e matemática agora geografia e história foram raras os encontros pra se discutir isso ai raros mesmo”.*  
(Professor “Marte”).

Com base nas falas do professor “Marte”, questiona-se sobre os programas de capacitação para professores atuantes na área de geografia. A secretaria de educação, segundo o professor “Marte”, dá prioridade apenas para as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, e isso desperta nos professores da disciplina de geografia anseios para obter um melhor entendimento de como trabalhar a disciplina em sala de aula e por assim dizer,

trabalhar na elaboração dos planejamentos bimestrais. E, mais uma vez, observamos a demonstração do não apoio, tampouco da Secretaria Municipal de Educação, junto aos professores da disciplina de Geografia.

*“Essa é a nossa maior dificuldade nesse sentido de um planejamento direcionado com o coordenador direcionando todos nos três professores dos 5º anos aqui a gente tem um conhecimento maior do que a geografia trabalha é uma disciplina muito rica e eu procuro eu pesquiso algumas coisas e se você vê a geografia envolve todas as outras disciplinas a língua portuguesa, a matemática, a história, a ciências naturais então ela realmente é de uma importância muito grande”. (Professor “Marte”).*

Discorre-se, então, a importância que esta disciplina tem. Nos vários segmentos educativos, esta abrange inúmeras possibilidades de se trabalhar. No que se refere à geografia, o professor “Marte” salienta sua grande relevância e envolvimento com todas as outras disciplinas, uma vez que, intrinsecamente, estão correlacionadas. Isto é, a geografia abraça de maneira significativa as demais disciplinas, mas para isso faz-se necessário que o professor seja o pesquisador e faça dos seus achados um complemento para tudo àquilo que se quer dizer. E, mesmo sem um acompanhamento pedagógico faça da sua coleta algo criativo, abordando os temas em sala de aula de maneira eficaz e facilitadora para seus alunos. Sendo que o aluno é detentor e construtor de seus conhecimentos, ele já vem para a aula com suas ideias pré-definidas. Desta forma Enricone (2001, pg. 74) destaca que:

*“O professor necessita, ainda, lembrar-se de que esta modificação é paradoxalmente uma tarefa solitária e solidária ao mesmo tempo: solitária no sentido que só é realizada pelo próprio aluno, na sua subjetividade; solidária por que o conhecimento resulta da vida em sociedade; a construção ou reconstrução do conhecimento pelo aluno depende da presença e colaboração de outros, sozinho o aluno não pode realiza-la”.*

Nesse contexto, pontuamos que o educador possui seu papel como transformador. O que não é diferente no caso do coordenador pedagógico que, ao ter uma função mediadora por excelência, deve propiciar o questionamento

dos professores sobre suas práticas e compromissos com o fazer educacional, fomentando a reflexão contínua e o estabelecimento de uma postura crítica diante do trabalho docente.

### **3. A GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL “LUZ DO SABER”.**

O ensino de geografia desempenha função imprescindível nos espaços escolares tanto no ensino fundamental como no ensino médio. Suas reflexões sobre os conceitos e processos complexos do espaço geográfico contribuem para a formação cidadã do (a) aluno (a), instrumentalizando-o para a construção de leituras, análises e compreensões de interferências em sua realidade socioambiental. Nas séries iniciais o ensino de geografia busca entre vários objetivos, devolver o brilho aos olhos do aluno, despertando o interesse e a atenção pelas temáticas geográficas. Segundo Castrogiovanni (2011 p.26,27).

“A compreensão do espaço geográfico pressupõe o desenvolvimento do olhar espacial, especificidade da geografia, o qual proporciona as condições para uma efetiva aprendizagem geográfica valorizando o movimento, a contextualização e o cotidiano. Permitindo também a compreensão e leitura qualificada do espaço geográfico, ampliando habilidades e construindo conceitos”.

O autor destaca a importância da leitura e compreensão do espaço geográfico, voltado para um olhar espacial e crítico sobre os elementos que o constituem e buscando sempre construir a contextualização com a realidade socioambiental do (a) aluno (a).

Nesse contexto, o professor desempenha função elementar como facilitador do processo ensino/aprendizagem, proporcionando ao aluno instrumentos significativos para o pensar e o agir crítico sobre o seu lugar de vivência.

Aprender geografia é possibilitar a conexão da sala de aula ao mundo, articulando dinamicamente as relações entre o local e o global, e o global ao local: É compreender que a geografia está presente em tudo que nos cerca,

na cidade, no bairro, em nossos espaços de convivência profissional e, especialmente, em nossos lugares de pertencimento.

Esse aprender a compreender a organização do espaço geográfico não pode ser alcançado pelos velhos caminhos trilhados pela geografia tradicional que supervalorizava o aprender por aprender, isto é, por meio da memorização dos conteúdos. Segundo Cavalcanti (1988 Pg. 11). “O conhecimento geográfico é, pois, indispensável á formação de indivíduos participantes da vida social, à medida que propicia entendimento do espaço geográfico e do papel desse espaço nas práticas sociais”.

Partindo desse pressuposto, o conhecimento geográfico é de grande importância nas séries iniciais, pois proporciona aos alunos um novo olhar sobre a realidade socioambiental, buscando identificar não apenas os elementos constituintes, mas, essencialmente, perceber as relações e as inter-relações que são produzidas e reproduzidas no espaço geográfico.

Nessa perspectiva, os Parâmetros Nacionais Curriculares (1997, p.108) discorrem que: “o ensino da geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira consciente e propositiva”.

O que permite ao professor caminhar, construindo e reconstruindo sua prática docente no ensino de geografia articulando ao que preconiza os PCNs não é tarefa fácil para muitos professores, especialmente para aqueles que não possuem segurança e domínio dos conhecimentos geográficos.

Quando o professor não sabe o que se ensina e por que se ensina, acaba por optar e seguir unicamente os velhos e já trilhados caminhos do livro didático, que ao invés de proporcionar aulas interessantes e atraentes, acabam por contribuir para a reprodução de um ensino desinteressante de uma disciplina desinteressada. Pois, para esses professores que geralmente não possuem formação específica em geografia a LD representa seu principal, às vezes único, recurso didático dentro e fora da sala de aula, um verdadeiro guia de todas as atividades a serem desenvolvidas nas aulas de geografia. Assim acabam obedecendo, reproduzindo as diretrizes que o livro didático propõe de uma forma mecânica e descontextualizada.

Segundo Castrogiovanni (2014, p.36). “As propostas apresentadas nos livros estão conectadas, de certa maneira, aos aportes teóricos que embasam a disciplina de geografia, mas se chegam até a sala de aula efetivamente, desenvolvida por professores que, na maioria das vezes, não dominam esses referenciais, é uma questão difícil”.

Reconhecemos que o livro didático de geografia nos anos iniciais é um recurso importante, mas não pode predominar no espaço de sala de aula como única ferramenta auxiliar na prática do professor. Pois o livro didático não é capaz de dar as respostas para todas as necessidades do aluno e dificuldades do professor em sala de aula. Entendemos que o professor deve estar ciente das limitações e perigos que o LD pode proporcionar ao processo ensino/aprendizagem.

Construir caminhos diferentes dos já trilhados pelo ensino de geografia é o desafio maior do professor que deve explorar sua capacidade criativa, buscando inventar formas e fontes que possam enriquecer as reflexões, tornando as aulas mais interessantes e prazerosas. Não podemos deixar de reconhecer a importância da contextualização das temáticas contidas nos LD à realidade vivenciada pelo aluno e pelo professor. Trata-se de uma prática esquecida por muitos professores, mas, quando desenvolvida contribuem e incentivam maior participação e interesse do aluno.

### **3.1 A geografia na sala de aula: Encontros e desencontros.**

O Ensino da geografia ao longo do tempo tem proporcionado aos professores momentos de encontros e realizações, como também, desencontros provocados principalmente pela insegurança e carência de domínio de conteúdos específicos. Essas características estão presentes nos espaços de sala de aula, dificultando o processo ensino e aprendizagem geográfica. Para muitos professores a geografia escolar ainda não conseguiu despertar atenção do aluno por reproduzir aulas monótonas e descontextualizadas, um convite para distanciar o aluno dos conteúdos geográficos. Essas deficiências reconhecidas por muitos professores

tornaram-se o grande desafio para aqueles que estão interessados e comprometidos em qualificar sua prática na escola.

Para enfrentar os desafios postos atualmente na educação escolar, é necessária uma formação consistente. Essa formação é a que propicia ao professor segurança para tratar os temas disciplinares, para analisar a sociedade contemporânea, suas contradições, suas transformações; para compreender o processo histórico de construção do conhecimento, seus avanços, seus limites, suas linguagens. (CAVALCANTI, 2002, p.112).

Desta forma, uma boa formação de professores de geografia é de suma importância, pois eles têm o papel de trabalhar juntamente com o aluno e com suas referências adquiridas na escola e sistematizá-las em contato com a sociedade, com o cotidiano para assim criar um pensamento geográfico.

Diante ao exposto, e adentrando ao âmbito de nossa pesquisa constatamos que na escola Municipal “Luz do Saber”, no 5º ano do ensino fundamental, observamos que a maioria dos alunos não demonstra interesse pelo ensino de Geografia. Por outro lado, presenciamos que o professor no espaço de sala de aula prioriza as disciplinas de Língua portuguesa e matemática, em detrimento da geografia e demais disciplinas do currículo.

Em sua fala o professor “Marte” destaca que a carga horária de geografia é composta por duas aulas semanais:

*“Nos temos duas aulas de geografia por semana, assim como história e ciências: A geografia é deixada um pouquinho de lado em relação às outras, ela é menos valorizada. Português e matemática tem a provinha Brasil onde são medidos todos os conhecimentos né? Os conteúdos que os meninos trabalharam durante o ano. Geografia não tem prova Brasil não tem uma olimpíada não sei, não tenho conhecimento se tem uma olimpíada de geografia. As olimpíadas são direcionadas apenas a matemática e língua portuguesa. A geografia e história são deixadas um pouquinho de lado”.*

Todavia, os PCN’s preconizam que a carga horária de geografia é de três aulas por semana, consolidando 12 horas semanais.

Observamos através do depoimento do professor, o seu desconhecimento sobre os PCN’s, e o conseqüente não cumprimento da

carga horária de geografia, contribuindo dessa forma para ampliar o desinteresse e desvalorização dos conteúdos geográficos pelos alunos.

Percebemos também que o próprio professor não demonstra interesse pelas aulas de geografia ao revelar que a mesma está um pouco esquecida, deixada de lado. Ao reconhecer que não professa os conteúdos geográficos, nem cumpre com a carga horária semanal, tal como preconizam os PCN"s e o currículo escolar, o professor desvaloriza e desqualifica uma disciplina tão importante e rica de conhecimentos.

Diante a paisagem geográfica de sala de aula, onde de um lado o professor que deveria incentivar nos alunos o prazer pelos estudos e o gosto pela geografia escolar, não professa! E, quando o faz, reproduz por outro, o aluno desmotivado e sem interesse para com as aulas de geografia, devido o professor, na maioria das vezes, expor somente o conteúdo de maneira mecânica, não buscando dinamizar suas aulas, mostrando a importância e a contribuição que o ensino de geografia tem para com o processo de ensino e aprendizagem.

Por muitas vezes, alguns alunos veem a geografia como sendo uma disciplina chata e não conseguem enxergar sua real importância. Por isso, o professor precisa buscar e criar meios para se trabalhar um ensino de geografia voltado para a realidade do aluno, provocando reflexões críticas e despertando a curiosidade sobre os elementos presentes em seu cotidiano escolar e comunitário.

De acordo com o professor "Marte", uma de suas maiores dificuldades de se trabalhar é a leitura, pois eles não adentram ao 5º ano preparados com uma ótima leitura e compreender o que elas querem transmitir, ficando difícil trabalhar os conteúdos nas aulas. Em sua fala ele destaca que sua maior dificuldade advém de sua formação:

*"Minhas principais dificuldades são da minha formação. A minha formação é na área de matemática, mas eu não deixo a minha formação se sobressair, tipo não vou deixar minha formação em matemática digamos ser a mais que a geografia, então eu procuro pesquisar pra desenvolver e é claro que é uma dificuldade pra mim trabalhar a geografia sendo formado em exatas. É sempre uma dificuldade pra qualquer professor de matemática".* (Professor "Marte").

Com isso, identificamos sua formação em matemática como sendo sua maior dificuldade para lecionar outras disciplinas, pois tendo uma capacitação em exatas, ao trabalhar com o ensino de geografia, por exemplo, requer uma maneira diversificada para expor os conteúdos, visto que, é outra linguagem e um universo amplo de detalhes. Porém, ele busca se apropriar da geografia para repassar de maneira acessível os conteúdos aos seus alunos. Como ele mesmo ressalta que apesar de sua formação ser em outra área o mesmo não deixa isso atrapalhar suas aulas de geografia. Portanto, é necessário que o professor busque alternativas pedagógicas que tornem suas aulas atrativas e não cause um desgaste gerando, assim, o desinteresse dos alunos. Nesta perspectiva o professor “Marte” nos discorre em sua fala que:

*“A geografia é muito rica pra você trabalhar mostrando vídeos, filmes, documentários. A geografia não quer que você só leia o livro e fale. E o aluno dê uma olhada no livro e ver aquelas fotos não se você mostra filmes documentários eles se interessam muito mais, chama mais atenção deles”.*

Como bem sabemos, a geografia nos permite conhecer o mundo, nos permite entender o espaço onde vivemos. Ela não pode ser algo distante e sim algo que está no nosso cotidiano. Nessa perspectiva, Castrogiovanni et al., (2003, p. 11), descreve que “A geografia existe desde sempre, nós a fazemos diariamente”.

Entende-se desta forma, que a geografia está presente em tudo e que estamos, constantemente, no processo de mudança, assim como o espaço onde vivemos e a maneira como o vivemos. Para tanto, a geografia não pode ser delimitada na inflexibilidade. É importante desenvolver a alfabetização geográfica para que o aluno possa construir seus próprios conceitos, tornando-se, a partir de então, um cidadão capaz de lidar criticamente com tudo que o cerca.

O ensino de geografia vai além da sala de aula. Seu aprendizado ocorre não somente na escola, mas compreende um mundo fora dela. O aluno deve ser apropriador de conhecimentos geográficos. Mas deve ser antes de tudo, importante que se faça uma análise e pesquisa para tentar entender a

realidade que o aluno vivencia no seu cotidiano, buscando explorar e contextualizar criticamente sobre a realidade vivida por ele.

A pesquisa mostra as preocupações dos professores das primeiras séries do Ensino Fundamental. Durante a pesquisa a professora “Estrela” do 5º ano do ensino fundamental, da Escola Municipal “Luz do Saber”, demonstrou bastante interessada em proporcionar uma boa aula para os alunos, percebeu-se que ela se apropriou do conteúdo para repassar aos alunos.

A mesma torna-se pesquisadora ao buscar em outras fontes como, por exemplo: sites, artigos e livros didáticos para complementar e apresentar o conteúdo na sua forma mais interessante e bem elaborada. É perceptível que durante as aulas há uma interação entre professor e alunos, sendo que os alunos contribuem com a professora para que haja uma boa discussão e o entendimento sobre o assunto estudado. Ao explicar os conteúdos ela sempre busca contextualizar com a realidade dos alunos, fazendo com que os mesmos sejam envolvidos na sua real vivência do dia-a-dia, no que se refere ao contexto da realidade dos alunos, Castrogiovanni (2014, p. 38) discorre que:

“O professor sabe que sua prática pedagógica deve estar voltada para a realidade do aluno, para o contexto em que ele esta inserido, que ele precisa saber ler mapas, saber se orientar nos pontos cardeais, aprender a localizar-se; que é fundamental conhecer a individualidade de seus alunos para formar pessoas de forma cooperativa, crítica, participativa, capacitadas a viver em sociedade, mas as dificuldades que se apresentam são muito maiores do que a capacidade de realizar o que a lei e os livros didáticos propõem”.

Nesta perspectiva os professores têm que buscar informações onde esteja inserida a realidade do aluno para que ele possa compreender o mundo. Diante deste entendimento, analisamos que a professora “Estrela” se preocupa em abordar o assunto de modo interessante para os alunos e contextualiza com a realidade dos mesmos, trazendo acontecimentos que estão presentes no cotidiano de suas vivências no seu espaço habitado. Em suas falas a professora “Estrela” nos discorre:

*“Temos que trabalhar de acordo com a realidade deles. Às vezes a gente professor não se colocar no lugar deles, então eu sempre trabalho trazendo pra realidade deles, sempre fazendo essa contextualização. Por que é muito importante que eles estejam inseridos no que esteja acontecendo, claro que também a gente tem que trabalhar a realidade do outro mais também inserindo sempre eles”.*

Com isto, podemos perceber nas falas da professora “Estrela” a preocupação em sempre abordar os assuntos voltados para a realidade do aluno. Com isso, o professor romper com o distanciamento da realidade vivida do discente. Trabalhar conteúdos que estejam inseridos no cotidiano dos alunos, fazendo sempre a contextualização entre o espaço escolar e o espaço vivido do aluno. Em suas falas a professora “Estrela” destaca novamente:

*“E quando a gente vai começando a mexer com a realidade deles eles vão começando a perceber e isso que é interessante a gente trabalhar. Eu sempre falava que quando eu fosse professora eu ia sempre trabalhar assim, puxando um pouco da realidade deles por que fica mais fácil deles compreenderem”.*

Desta forma, percebemos que a mesma busca transformar as aulas de Geografia atraentes e que os alunos comecem a dar importância e consigam relacioná-la com o seu cotidiano. Vale ressaltar que a professora “Estrela” não expõe somente o conteúdo em si, mas os estimula (alunos) a serem questionadores em suas aulas, os aguçando a fazer perguntas e envolvê-los numa aula que seja reflexiva sem fugir do que está sendo proposto.

Conseqüentemente, sua maneira de lecionar e diversificar os conteúdos ocasiona na interação entre professor e aluno, transformando suas aulas satisfatórias e prazerosas. A mesma sempre está estimulando-os a pesquisar os assuntos e não somente se prendendo ao livro didático.

*“Eu gosto de trabalhar com eles a respeito da pesquisa, não fico só no livro didático, faço com que eles pesquisem. Eu dou um assunto pra eles pesquisarem, vão nos dicionários, vão em livros em sites, mais eu sempre falo tomem cuidado por que a internet é boa pra vocês, mais vocês tem que saber utiliza-la”. (Professora “Estrela”).*

Diante de suas falas, percebemos que a mesma não se prende somente nos livros didáticos. Está sempre procurando outros métodos para se trabalhar os conteúdos, possibilitando novos olhares na organização do ensino de Geografia, onde a mesma procura em outras fontes os conteúdos a serem ensinados. Dentre eles se destacam os artigos e sites da internet. O professor precisa se certificar de que existem outros meios que ele pode utilizar para produzir suas aulas.

*“Eu utilizo bem pouco o livro didático, por que eles não atendem a nossa realidade, por que o conteúdo de geografia de 5º ano é basicamente sobre a Amazônia. E se nos formos analisar o livro didático que vem, não atende a nossa necessidade, não tem nada que traga a nossa realidade. Ai é outro trabalho que a gente tem, por que tem que pesquisar tem que ir atrás tem que correr atrás dos conteúdos, então eu vou pra internet e faço pesquisa”. (Professora “Estrela”).*

Em suas falas percebemos que a professora utiliza pouco o livro didático, mas consulta outros meios e fontes, para assim, trabalhar os conteúdos em sala de aula. Destacamos que, no desenvolver e exploração dos temas durante as aulas, a professora buscava provocar os alunos com perguntas abertas e direcionadas à turma. O resultado era imediato. Os alunos apresentavam suas respostas estabelecendo o “feedback” entre professora e alunos. Essa metodologia produziu resultados importantes, pois, a professora conseguia socializar seus conhecimentos e também procurava instigar seus alunos a produzir os seus.

Em seus depoimentos percebemos sua preocupação com a aprendizagem de seus alunos:

*“Na minha didática eu digo que o professor não deve trabalhar só de um jeito, por que percebo assim: eu venho no primeiro dia eu explico um assunto pra eles ai eu estou vendo que eles não estão entendendo, então eu chego em casa e digo já que eles não estão entendendo desse jeito, aí eu paro e penso, não vamos fazer desse jeito, então venho pra cá e faço de outro jeito. Eu sempre procuro novos métodos, então eu planejo uma aula e venho para sala de aula e aplico todinha e observo se eles estão aprendendo com este método e ai vejo onde eles estão sentindo muita dificuldade e que não estão*

*conseguindo compreender então eu faço a minha reflexão. Será que é eu ou será que é eles aí eu mudo o método e vejo outro pra facilitar aprendizagem dos meus alunos".* (Professora "Estrela").

Percebemos através de duas palavras a preocupação da professora com o ensino e a aprendizagem dos alunos. A mesma faz uma reflexão sobre a sua didática e o caminho metodológico percorrido para saber se realmente aquele método usado em sala está contribuindo e facilitando a aprendizagem dos alunos. Por isso, é importante que o professor procure conhecer a realidade socioambiental do aluno, sua cidade, o bairro onde mora, seu lugar de vivência. Essas informações são importantes para o professor de geografia, principalmente nos momentos de contextualização dos temas. Portanto, eles devem estar presentes no contexto de sala de aula para despertar no aluno o interesse e olhar geográfico aguçado sobre sua vivência concreta do mundo.

Nesse contexto a professora "Estrela" revela que:

*"Nos como professores temos que fazer uma reflexão, por que as vezes a gente está tão acostumado a trabalhar desse jeito que você não percebeu que desse jeito não está colaborando com seus alunos. Por isso, temos que trabalhar a realidade do aluno, por que assim ele vai entender o assunto, porque é algo que está ali no seu espaço".*

Desta forma, é preciso valorizar as contribuições, a bagagem de saberes e informações que os alunos trazem de casa para escola. É importante destacar a valorização dessas informações, isto é, quando o professor consegue perceber e conceder espaço para que os alunos possam participar de suas aulas e expor suas leituras de mundo. É nesse momento que a aprendizagem se fortalece e materializa com a participação do aluno na construção de seus próprios conceitos, articulando-os sempre com sua realidade socioambiental.

Nessa perspectiva, o aluno precisa compreender o espaço geográfico em que vive suas relações e articulações com o mundo exterior para, assim, entender sua história. Segundo Castroviovanni (2014.p, 28).

“Para facilitar a leitura de mundo ou como se diz na geografia, á compreensão da organização espacial dos diferentes lugares e suas conexões é preciso considerar aspectos como trabalhar como o cotidiano, com o interesse e as curiosidades dos alunos, com a as vivências, com os conhecimentos já adquiridos por meio de situações concretas que os aproximem de fatos reais sobre aquilo que é ensinado/aprendido”.

Por isso, dá-se a importância de o professor de geografia trabalhar o espaço em que o aluno habita, uma vez que, o espaço faz parte da sua história pessoal. Mas para isso é imprescindível que o professor compreenda o espaço geográfico onde a escola está inserida e buscar informações sobre a história do lugar e as transformações ocorridas no tempo. Com isso, o professor pode utilizar o próprio local de vivência do aluno para explicar que a geografia está presente em nosso cotidiano. Ao levar os alunos a conhecerem a história do seu bairro e fazerem, por exemplo, um levantamento, uma coleta de informações, observar e questionar sobre o porquê daquela realidade, sobre os aspectos físicos, as paisagens e inúmeras situações em que o bairro se encontra.

Para Cavalcanti (2002, p. 33):

Em suas atividades diárias, alunos e professores constroem geografia, pois, ao circularem, brincarem, trabalharem pela cidade, pelos bairros, constroem lugares, produzem espaço, delimitam seus territórios; vão formando, assim, espacialidades cotidianas em seu mundo vivido e vão contribuindo para a produção de espaços geográficos mais amplos. Ao construir geografia, eles também constroem conhecimentos sobre o que produzem que são conhecimentos geográficos.

Assim sendo, o professor precisa “lançar mão” de conteúdos críticos que tenham alguma fundamentação, e conseqüentemente possa ser o mediador e fazer de seus alunos cidadãos mais participativos. É preciso que os professores busquem motivar seus alunos já que a motivação é um mecanismo importantíssimo no processo ensino e aprendizagem. Quando isso acontece, o aluno demonstra interesse pelas aulas, facilitando a relação professor/aluno no caminhar das aprendizagens que os seguirão para toda a vida.

#### 4. O LIVRO DIDÁTICO NA SALA DE AULA: CAMINHO ÚNICO?

O livro didático pode ser entendido como um suporte curricular por tornar um material curricular editado, onde preciso buscar não somente os conteúdos teóricos da geografia para sua análise, mas precisamente buscar os novos métodos de comunicação da atualidade, em que constituem novas linguagens para o aprendizado.

Ele surge como material impresso destinado ao processo de aprendizagem ou formação acadêmica no mundo, já no século XVII. Mas o volume de obras só aumenta a partir de metade do século XIX, com o maior número de conhecimentos, devido à sistematização das ciências, sobretudo da geografia, estando relacionado ao desenvolvimento do capitalismo e suas necessidades para ampliação na sociedade (OLIVEIRA apud SCHÄFFER, 1998, p.130). Com o surgimento do livro didático veio a facilitação do aprendizado, pois os professores passaram a contar com um material próprio para o ensino.

Por um tempo o livro didático foi descrito por ser um recurso de múltiplos aspectos com produções culturais e ao mesmo tempo visto como uma mercadoria. Pontushcka, Paganelli e Cacete (2009, p. 339) veem o livro didático como uma produção cultural e uma mercadoria. Portanto, este atende a um determinado mercado.

Tendo em vista que livro didático constitui-se como um dos principais recursos teóricos e metodológicos para o auxílio em sala de aula pelos profissionais.

Assim como Cavalcanti (2016, p. 329) destaca:

Os livros didáticos são materiais bastantes presentes no cotidiano das escolas de nível básico, sendo, para os pais de alunos, para os alunos, para os professores, coordenadores, diretores e para a comunidade em geral, uma referência concreta do trabalho realizado nas diferentes disciplinas.

Com isto, cabe ao professor ter o entendimento de que o livro didático vem ser a um suporte, um dentre vários existentes. Sendo que o professor não

deve se prender no livro didático e sim procurar outras fontes, para o auxílio de suas aulas, como recursos eletrônicos, artigos, filmes, páginas da internet, dentre tantos outros recursos. O professor ao utilizar o livro didático deverá descobrir maneiras de melhorar a criticidade de seu aluno, pois o livro didático tem sua importância assim como os demais recursos metodológicos. Cabe ao professor saber explorá-lo, aperfeiçoar e levar para a vivência do cotidiano do aluno.

Os livros didáticos de geografia utilizados nas escolas, geralmente apresentam uma perspectiva unilateral, onde há uma limitação de informações, sendo apenas apresentados conceitos, cabendo apenas ao educador explorar melhor os temas a serem estudados. Mediante as observações em sala podemos vivenciar a realidade desta Instituição de Ensino, onde foi possível perceber que os professores desta turma do 5º ano do ensino fundamental utilizavam metodologias diferentes. E que há uma grande ausência de ambas as partes em relação ao uso do livro didático e que descartam o uso do mesmo que em suma é de grande importância para estimular os alunos a não se prenderem somente nas tecnologias e sim fazer uso do LD que instiga bastante a leitura através das imagens nele contidas.

Diante da importância que o livro didático tem, podemos observar que os professores fazem bem pouco o uso dele. Segundo as palavras da professora “Estrela”, pode-se observar:

*“Eu utilizo bem pouco o livro didático, ou às vezes nem uso, por que eles não atendem as nossas necessidades”.*

Pela fala da professora observamos que há uma falta de interesse e a falta de preparo em relação a este recurso que é de tamanha importância em sala. Percebe-se o despreparo dos professores, o que causa o desinteresse dos alunos pela disciplina de Geografia. Porém, existem professores que utilizam os recursos didáticos diferenciados para aprimorar suas aulas. Por isso, há a necessidade de os educadores reverem suas práticas de ensino para que os alunos possam ter o prazer pelos estudos.

Já o professor “Marte” traz em suas falas que não gosta muito de trabalhar com livro didático:

*“Bom eu não gosto muito de usar o livro didático, porém uso as vezes. Não descarto o fato de ele ser um recurso didático, mais não sei, ele não atende nossas necessidades”.*

Diante das falas dos professores e de nossas observações, podemos afirmar que a utilização do LD nas aulas de geografia era mínima. O motivo da não utilização, não era porque os professores dispunham de outros recursos em sala de aula, mas porque os mesmos não demonstravam interesse em explorar esse recurso em suas aulas. Ou talvez a falta de habilidades didáticas para explorar durante desenvolvimento e nas reflexões geográficas em sala de aula.

Hoje, mesmo diante dos avanços tecnológicos, o livro didático ainda pode contribuir e enriquecer as reflexões nos espaços escolares. Se bem explorado, pode representar importante recurso, contribuindo como suporte para o professor em suas análises sobre temas como as mudanças provocadas pelo processo da globalização no espaço mundial.

Nesse contexto, Castellar e Vilhena (2012, p. 137) destacam que:

[...] em tempos de multimídia, computadores, ensino a distância e outras inovações tecnológicas na educação, o Livro Didático ainda continua sendo um dos suportes mais importantes no cotidiano escolar e é, sem dúvida, o mais utilizado e solicitado.

A presença do livro didático na sala de aula é importante e o incentivo do professor à leitura é ou deveria ser atitude diária. No entanto, o incentivo pela leitura está sendo deixado de lado, devido o avanço das tecnologias. Então, cabe ao professor usar o senso crítico perante o livro didático, considerando que o mesmo é um recurso que vem contribuir e atender as necessidades dos alunos dentro e fora da sala de aula. Nessa perspectiva, Pontuschka descreve:

“Surge a importância de que os autores de livros didáticos também descubram formas atraentes de tratar de assuntos relativos ao cotidiano dos alunos do ponto de vista espacial e de outras realidades, os quais no mundo globalizado em que vivemos interferem no cotidiano tanto do aluno quanto do professor.” (2007, p.343).

Segundo a autora o livro didático pode representar um importante referencial na sala de aula e contribuir no processo ensino-aprendizagem. Nesse processo, salientamos a habilidade do professor em saber explorar o LD em sala de aula, tornando suas aulas de geografia mais interessantes e atraentes. Do contrário, estará contribuindo para aulas monótonas e desinteressantes. Então cabe ao professor ser criativo ou buscar mecanismos para auxiliar no trabalho com o livro didático de forma que venha lhe possibilitar na escolha, reflexão e adequar os conteúdos na sala de aula.

O livro didático passa a ser um suporte para auxiliar o professor em sala de aula e um referencial onde o professor vê o LD como uma ferramenta entre tantas que lhe proporciona condições para promover um ensino de qualidade. A participação ativa do professor é de suma importância, pois é ele quem vai fazer a seleção dos conteúdos a serem trabalhados, bem como construir os acréscimos quando necessários e diante das limitações dos livros didáticos. Cabe ao professor desenvolver atividades com conteúdos dinâmicos que possam a transformar o livro didático em um recurso para assim, fazer com que as aulas sejam mais dinâmicas e prazerosas.

Segundo Cavalcanti (2010, p. 47), “O modo de trabalhar os conteúdos geográficos no ensino supera seu histórico papel de ‘dar conta’ da apresentação de dados e da descrição de países, regiões e lugares mencionados”. Os conteúdos de ensino em sala requerem do professor uma metodologia diferenciada que venha favorecer uma aprendizagem significativa para o aluno.

O livro didático é para o professor uma das ferramentas mais importantes para o processo de ensino-aprendizagem, pois é uma ferramenta acessível para o aluno.

No ensino de Geografia, ao trabalhar com o livro didático o professor necessita arquitetar caminhos que possibilitem a leitura do espaço geográfico por meio dos conteúdos e das imagens do livro com as diferentes linguagens disponíveis que possam estar entrelaçadas com o cotidiano de seus alunos para que haja, então, uma reflexão geográfica.

É necessário que o professor de geografia repense seus métodos de ensino em sala de aula, procurando meios que venham a proporcionar uma

aula diversificada e atraente. Trabalhando com temas de interesse geral com seus alunos e transformá-los em sujeitos pensantes, capazes de impor e argumentar suas próprias ideias.

#### **4.1 Repensando um ensino de geografia interessante e prazeroso**

O ensino de geografia na escola é uma linha de entendimento: Um lugar onde se constroem saberes sistematizado. Saberes esses que estão no cotidiano dos alunos, em sua cultura e na cultura escolar. Castrogiovanni (2007, pg.43), afirma que:

“A geografia escolar, mais do que nunca, deve ser trabalhada de forma a instrumentalizar os alunos para lidarem com a espacialidade e com suas múltiplas aproximações: eles devem saber operar o espaço! Tal postura procura dar conta da compreensão da vida social refletida sobre os diferentes sujeitos, agentes responsáveis pelas (trans) formações”.

Desta forma, a geografia escolar contribui para o desenvolvimento social do indivíduo, onde ele possa refletir sobre suas ações e questionar sua realidade social e histórica. A geografia escolar deve estar comprometida com a transmissão de conteúdos teóricos para possibilitar o aluno a compreensão da organização espacial como um processo histórico, onde esse processo ocorre a partir do momento em que homem transforma a natureza para suprir suas necessidades.

Ao abordar a geografia em sala de aula, permite que o aluno possa ter acesso aos acontecimentos ocorridos em outros espaços. Assim como o aluno deve se perceber como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos ocorridos ali são resultados do trabalho do homem que está sempre em processo de desenvolvimento. A geografia escolar permite aos alunos estabelecer conexões entre os conteúdos ensinados em sala e fora do espaço escolar. Portanto, é importante que os professores reflitam sobre o que é a ciência geográfica e como ela deve ser, não somente como ciência, mas também como prática escolar.

É preciso pensar e repensar as práticas docentes, pois estamos expostos diante de várias desigualdades sociais. É importante trazer para sala

de aula um novo contexto escolar, didática diferenciada e mecanismos para ajudar no processo de ensino e aprendizagem. Castrogiovanni (2007, pg.45,46) destaca que:

“Despertar e manter a curiosidade dos alunos deve ser sempre a primeira tarefa da escola e um desafio constante para os professores cujo trabalho é prazeroso, mas o resultado nem sempre são imediatos. A maior vitória do professor é a vitória interna, aquela de alcançar a satisfação em ser professor no dia a dia”.

A tarefa de despertar a curiosidade e o interesse dos alunos é a função do professor que vai muito além do conhecimento de sua disciplina, pois ele assume um compromisso com seus alunos. Quando o professor os estimula, levando inovações, proporcionando momentos prazerosos, isso faz com que os alunos tenham um bom rendimento e feitos favoráveis. Esses elementos de apoio utilizados, desperta grande interesse nos alunos. A inclusão de aulas diferenciadas leva o aluno à participação efetiva. Os filmes, por exemplo, geralmente despertam o entusiasmo nos alunos por fazerem parte do seu cotidiano. A música e o desenho também chama bastante atenção, por estarem muito presentes no seu meio social. Assim também, as atividades de prática de campo. Castrogiovanni (2007, pg.111) destaca que:

“Sair do ambiente escolar, por si só, gera um efeito geralmente positivo sobre o interesse dos alunos pelo conteúdo. Mas mais do que isso. Atividades práticas fora do ambiente escolar são fundamentais no ensino de geografia, pois permitem ao professor a proposição de questões reais e de importância concreta para os alunos”.

As atividades práticas, se bem construídas podem despertar o interesse dos alunos e coloca-los diante de um desafio a ser alcançado. É preciso trazer para escola meios que provoque os alunos para que possam procurar respostas para suas dúvidas.

Ensinar geografia é um desafio constante que requer do professor métodos de aprendizagem e uma boa didática em bases sólidas. É preciso rever e reavaliar as práticas docentes para evitar o fracasso escolar.

Uma das práticas mais comuns que os professores utilizam para ensinar geografia é através do livro didático que após a exposição, ou trabalhos de leituras, o professor avalia através dos exercícios que acompanham os textos. É uma prática comum de muitos professores para verificação de aprendizagem dos conteúdos e que contribui apenas como reforço e fortalecimento do processo de memorização em detrimento da aprendizagem dos alunos.

É importante que o professor saiba explorar e apropriar-se desses recursos didáticos, mas também é imprescindível que ele saiba fazer o uso desse recurso, de forma que possa trazer inovações no processo de ensino e aprendizagem. O professor é o grande mediador desse aprendizado. Por isso, ele deve buscar práticas pedagógicas que permitam apresentar aos alunos diferentes formas de ensinar para que eles possam refletir sobre aspectos da sua realidade. É importante que o professor planeje, contextualize e articule os conteúdos do livro didático com a realidade vivenciada do aluno.

Repensar o ensino de geografia é de grande relevância. Faz-se necessário inovar as metodologias de aprendizagem, tornar as aulas de geografia prazerosas e satisfatórias. E o professor é o principal responsável em transformar essas aulas mais interessantes, levando instrumentos que atraiam os olhares dos alunos e trazendo situações-problemas, impulsionando os alunos a alcançarem uma resposta satisfatória. Ser professor é isto, buscar meios para ajudar seus alunos. Enricone (2001, pg. 32) nos diz que “ser professor é sob esse prisma, conhecer as competências que os alunos já dominam a fim de problematizá-las e confrontá-las com situações em que essas se mostrem insuficientes ou inoperantes”. O professor também deve ser aquele que leva o aluno a curiosidade: É aquele que dá condição para que o aluno possa refletir sobre determinados temas abordados na sala de aula, levando o aluno a procurar respostas.

Pois, bem se sabe que a escola tem o papel de formar cidadãos comprometidos com o saber. A disciplina de geografia tem o compromisso de fazer com que os alunos tenham um olhar voltado para a compressão de mundo e suas mudanças. E o professor está ali para facilitar esse ensino, para ajudar e orientar, pois ele é o mediador do conhecimento. É aquele que está envolvido no processo de ensino-aprendizagem e procura meios que facilite

essa aprendizagem. Dessa forma, Castrogiovanni (2014, p. 106) vem dizer que:

“Para ensinar geografia, não basta conhecer a estrutura teórica da ciência e assim ensina-la como a aprendemos, mostrando aos alunos o produto final. Para realmente ensinar precisamos compreender como o aluno é capaz de articular seu pensamento para aprender, precisamos ter a preocupação constante em aproximar a geografia do ato de aprender. Essa preocupação é o guia metodológico desse estudo. O desafio está em transformar práticas pedagógicas em reflexões teóricas para elucidar a forma de teorização na construção da pesquisa”.

Ensinar geografia nos dias atuais é um grande desafio para o espaço e lugar. É onde ele vai poder analisar e ver na prática como o sujeito vive em uma sociedade. Exige-se o professor, transformar a sala de aula em um lugar prazeroso, atraente e lúdico.

Dessa forma, Morais (2013, p. 263), nos diz que “para ensinar geografia é preciso que o professor se encante e encante o aluno com uma práxis pedagógica que o faça descobrir e compreender a Geografia como uma ciência, arte e vida”. Por isto, encante-se e se apaixone por sua profissão, para que depois você encante os seus alunos. Isso é mais prazeroso do que somente repassar os conteúdos, pois é muito importante não somente por você, e sim para aqueles que irão aprender com você.

## **5. PROPONDO UMA NOVA FORMA DE ENSINAR GEOGRAFIA**

Aprender e ensinar geografia na atualidade, com um mundo globalizado, é um desafio para os profissionais da educação atuarem em sala. O que os faz buscar métodos diversos com conteúdos que possam atrair olhares dos alunos. Por isto, é preciso atentar-se para os métodos, dinâmicas e novas técnicas de ensino para que chamem à atenção do aluno ao invés de nos prender no método tradicional de ensino, e acabemos por nos aprisionar somente em uma das ferramentas de ensinar, o livro didático.

Repensando no ensino de geografia na sala de aula, foi onde buscamos trabalhar novas práticas docentes, com novas técnicas de ensino com

recursos didáticos e tecnológicos em sala de aula, para assim atrair os olhares dos alunos. Trabalhamos com métodos de ensino que estão presente no seu dia a dia e na sociedade atual, devido as grandes transformações sociais e tecnologias e que estão presente na sua cultura escolar. Desta forma Cavalcanti ressalta que:

As concepções teóricas da Geografia no mundo contemporâneo é necessário antes levantar alguns aspectos relevantes que caracterizam este mundo. O primeiro deles é o fato que o mundo hoje é globalizado, [...] que afeta múltiplos compôs: cultural, tecnológico, social, econômico, [...] um fenômeno que obriga a considerar a interdependência de escalas, já que nele ocorre a construção de espaço de relação mais integradas que estão profundamente inter-relacionadas o local, o regional e o global (CAVALCANTI, 2008, p. 15).

Com isto, a geografia se torna um elo entre o aluno e mundo globalizado. Em meio a tantas complexidades do ato de aprender, faz-se necessário buscar novas metodologias de ensino.

Durante de um longo período de aproximação com as crianças em sala de aula, percebemos que a tecnologia chama bastante atenção dos mesmos. Por isto, diante das diversas maneiras de se trabalhar os conteúdos de Geografia, buscamos ferramentas que estão no dia-a-dia e na cultura dos alunos, utilizando a música, vídeos, vídeo-aulas e o desenho. É importante integrar as tecnologias digitais da comunicação e informação na aprendizagem: as audiovisuais, lúdicas, textuais e músicas.

A figura 02 e 03 representa a exposição da aula através do multimídia. O uso do vídeo como recurso didático vem contribuir para o trabalho docente de diversas maneiras, gerando aulas atraentes e contribuindo para o desenvolvimento de um bom trabalho em sala de aula.



**Figura 02:** vídeo na sala de aula  
Santos, 2019.



**Figura 03:** vídeo na sala de aula **Fonte:**  
**Fonte:** Santos, 2019.

Através dos recursos didáticos diferenciados, juntamente com a tecnologia, o educador pode desenvolver aulas dinâmicas que venham contribuir para o ensino e aprendizagem do aluno. Os recursos tecnológicos estão ao seu alcance e devem ser utilizados em sala de aula, pois são ferramentas que os professores devem usar a seu favor como recursos metodológicos para o ensino.

Hoje estamos diante de uma geração de alunos que estão conectados ao mundo digital e que os liga às novas tecnologias. Então, compete ao professor se apropriar dessas novas tecnologias em sala de aula, embora ainda muitos dos professores estejam despreparados para lidar com essa nova geração.

Neste contexto Faria (2001, p.62) discorre que “A tecnologia na sala de aula não se refere exclusivamente ao computador. A TV e o vídeo também devem ser bem analisados e planejados para se constituírem num recurso de enriquecimento e interatividade”. Novos recursos tecnológicos estão ao nosso alcance e não são utilizados, muitas das vezes, por falta de preparo ou por falta de interesse do professor e, assim, muitos acabam por trabalhar com o método tradicional de ensino. Devido esse receio do uso desses instrumentos tecnológicos, acabam por criar o desinteresse dos alunos pela disciplina de geografia. Porém, existem professores que optam diferenciar suas aulas

trabalhando com a tecnologia, usando métodos diversificados para complementar suas aulas.

Desta forma Faria (2001, p.63) diz que “O educador precisa se apropriar desta aparelhagem tecnológica para se lançar a novos desafios e reflexões sobre sua prática docente e o processo de construção do conhecimento por parte do aluno”. Com isto, o professor precisa fazer uso da tecnologia em suas aulas para levar os alunos ao mundo globalizado com métodos de ensino diversificados que venham chamar a atenção dos seus alunos, pois a tecnologia é algo que atrai olhares.

Outro método educacional de se trabalhar em sala de aula é a música, pois através dela podemos nos expressar de várias maneiras. A música ensina o individuo a ouvir, escutar de maneira ativa e reflexiva. Além de se ser uma atividade divertida que ajuda na construção do caráter, da consciência e da inteligência emocional do individuo. Na figura 04 podemos ver a exposição da música através de multimídia.



**Figura 04:** a música como recurso didático.  
**Arquivo da pesquisadora.**

Uma das opções de se trabalhar com a música é utilizando, de preferência, alguma que esteja presente na cultura dos alunos. Este vem a ser um recurso que se pode explorar nas aulas de geografia, assim como inúmeros recursos a serem utilizados para facilitar o processo ensino- aprendizagem, buscando a correlação da letra da música com os conteúdos trabalhados em sala de aula. A Música é de muita importância, pois ela pode ser usada para aproximar o aluno dos conteúdos estudados em sala de aula.

Desta forma Ferreira (2010), vem nos dizer que:

[...] a persuasão e a eficiência da música no ensino não se questiona, mas além de tal técnica de ensino nunca ter sido formalizada, a não ser com relação a alunos com algum tipo de deficiência, não devemos nunca esquecer que a música, nem por sonho, restringe-se apenas a isso. Trata-se de uma arte extremamente rica e dispõe de farto e vasto repertório acessível em qualquer lugar do nosso planeta [...] (FERREIRA, 2010, p. 26).

Desse modo, buscamos trabalhar uma música que os alunos já conhecem e que esteja presente no seu cotidiano. O professor como mediador deve estar sempre renovando suas práticas pedagógicas em sala de aula, de modo, que venha atrair a atenção do aluno e motivá-lo a participar das aulas. A música é uma forma lúdica e interativa de se trabalhar com diversos conteúdos em sala.

[...] mas a música, em sala de aula, pode ir além de apenas um instrumento; ela é capaz de promover o desenvolvimento do ser humano torna-lo capaz de conhecer os elementos de seu mundo para intervir nele, transformando-o no sentido de ampliar a comunicação, a colaboração e a liberdade entre os seres (LOUREIRO, 2007).

Com isto, através da música em sala de aula é possível desenvolver várias atividades e gerar no aluno a capacidade de expor suas ideias e reconhecer-se como um produtor do espaço em que vive.

Dentre esses e outros métodos de se trabalhar a geografia em sala de aula, utilizamos também o desenho. Que consiste em uma forma de o aluno expressar o que aprendeu durante a aula. O desenho vem proporcionar uma aula dinâmica, diversificada e chama a atenção do aluno, fazendo com que o mesmo participe de forma ativa das aulas e, assim, permitindo uma aprendizagem mais significativa.

A figura 05 e 06 representa os alunos produzindo os desenhos durante a aula.



**Figura 05:** desenho na sala de aula.  
Arquivo da pesquisadora.



**Figura 06:** desenho na sala de aula.  
Arquivo da pesquisadora

Embora existam professores que utilizam os recursos didáticos diferenciados para aperfeiçoar suas aulas, há a necessidade de que os educadores revejam seus métodos de ensino na disciplina para que o educando venha sentir prazer em estudá-la. O professor é o mediador do conhecimento e no processo de formação de conceitos e na abordagem de temas relacionados ao ensino geográfico. Isso requer do professor conhecimento adequado e orientações específicas. Dentre tantos recursos utilizados pelo professor o livro didático ainda é um instrumento necessário.

## **CONSIDERAÇÕES E PROPOSIÇÕES**

Com base em informações da literatura, o ensino da Geografia ainda está longe de se tornar algo totalmente didático e dinâmico, pois a disciplina ainda é vista, pela maioria dos educadores, como algo que complementa a

grade curricular, não se buscando, dessa maneira, muitas inovações, focando - se apenas no livro didático como única ferramenta.

Foi observado através de entrevistas que na Escola Municipal “Luz do Saber” há uma carência de coordenador pedagógico para a construção do plano de aula, sendo esta uma ferramenta fundamental para os professores como apoio para ministrar suas aulas. Foi afirmado pelos professores que o planejamento bimestral é realizado de forma rápida e normalmente ocorre no corredor da escola, sem dia programado.

Observou-se que a Secretaria de Educação (SEMED) sempre prioriza disciplinas como Língua Portuguesa e Matemática e isso desperta nos professores da disciplina de geografia anseios para obter um melhor entendimento de como trabalhar a disciplina em sala de aula.

A escola possui uma boa estrutura física, mas, ao se analisar a estrutura pedagógica, percebe-se que a instituição não destina muita dedicação ao ensino da Geografia. Prova disso é a divergência entre alunos e professores, segundo a qual, mesmo alunos gostando da disciplina e do professor como pessoa, a grande maioria dos estudantes prefere aulas diferentes e que envolvam mais dinâmicas ou, até mesmo, a possibilidade de aulas de campo, que seriam fundamentais para um melhor e maior interesse no desenvolvimento das aulas de Geografia.

Com isso, é possível comprovar que nessa escola são necessárias novas práticas para serem apresentadas ao ensino da Geografia, sendo estas mais dinâmicas como: aulas de campo, estratégias de pesquisa, confrontamento de dados para debate, construção de maquetes e inserção de novas tecnologias, pois assim, os professores terão uma nova e melhor visão dos discentes em relação à disciplina de Geografia.

Desta forma, é essencial garantir um bom ensino de geografia, é preciso que os professores desistam da concepção clássica de memorização e a utilização de apenas aulas expositivas. Além disso, os educadores devem ter consciência que a geografia é uma disciplina que forma cidadãos críticos, conscientes e participativos. Com isto, para melhorar a qualidade do ensino de geografia é preciso capacitar os professores em sua formação, garantir que eles tenham estrutura e tempo para se dedicar por gosto a sua profissão.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério de Educação. **Parâmetros Curriculares nacionais: 1° a 4° série. História e Geografia.** Brasília: MEC, Sec. De Educação Fundamental, 1997.

BRASIL. Ministério de Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: história e geografia**/Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. -3. Ed. Brasília: A secretaria, 2001.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

CASTROGEOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCHAFFER, Neiva Otero; KAERCHER, Nestor André. **Geografia em sala de aula, práticas e reflexões**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2003.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **O ensino da geografia e suas composições curriculares/...** [et al] ; organizadores Ivaine Maria Tonini ... [et al]. – Porto Alegre: Mediação, 2014.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e prática de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Livro didático em Geografia: recurso/suporte ao trabalho docente autônomo do professor ou apêndice da política educacional oficial?** In: SPOSITO, Eliseu Savério; DA SILVA, Charlei Aparecido; SANT'ANNA NETO, João Lima; MELAZZO, Everaldo Santos (Orgs.). **A diversidade da geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016, p. 323-342.

ENRICONE, Delcia. Ser professor. (org.). 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

FARIA, Elaine Turk. **O professor e as novas tecnologias**. In: ENRICONE, Délcia. **Ser professor**. (org.). 2.edu.-Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música em sala de aula.**: 7.ed. Contexto, 2010.

FILIZOLA, Roberto. **Teoria e pratica do ensino geografia: memorias da terra** – 1. Ed. São Paulo: FTD, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

LOUREIRO, A. M. A. **O Ensino de Música na Escola Fundamental**. Papyrus, 2007.

MAY, T. Pesquisa social. **Questões, métodos e processos**. 2001. Porto Alegre, Artemed.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da pesquisa em educação**. – Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

MORAIS, I.R.D. **Diferentes linguagens no ensino de Geografia: novas possibilidades**. In: ALBUQUERQUE, M.A.M.; FERREIRA, J.A.S. (Orgs.). **Formação, pesquisa e práticas docentes: reformas curriculares em questão**. João Pessoa: Editora Mídia, 2013.

PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. **Da Geografia que se ensina à gênese da Geografia moderna**. 3. ed (ver.) Florianópolis: ed. Da UFSC, 1999.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Para ensinar e aprender Geografia** / Tomoko Iyda Paganelly, Núria Hanglei Cacete. 1ª São Paulo: Cortez, 2007. – (Coleção Docência em formação. Série ensino fundamental).

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

REGO, Nelson; ANTONIO, Carlos CASTROGIOVANNI, KAERCHER, Nestor André. **Geografia**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ROCHA, Genylton Odilon Rego. **Uma breve história da formação do professor de Geografia no Brasil**. In: Terra Livre, n.15, São Paulo, 2000, p.129-144.

SCHÄFFER, Neiva Otero. **O livro didático e o desempenho pedagógico: anotações de apoio à escolha do livro texto**. In: CASTROGIOVANNI, A.C. et al. Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. Porto Alegre: AGB – Seção Porto Alegre, 1998, p.129-142.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências: a pesquisa qualitativa em educação**. – 1. Ed. -23. São Paulo: Atlas, 2005.